



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
<http://www.cecs.uminho.pt>

**A Reacção da imprensa diária portuguesa
à detenção de uma vedeta da comunicação ***

Hália Costa Santos

Escola Superior de Tecnologia de Abrantes
Instituto Superior Politécnico de tomar

Universidade do Minho
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
Campus de Gualtar
4710-057 Braga
Portugal

2004

* *I Congresso Luso-Brasileiro de Estudos Jornalísticos* Universidade Fernando Pessoa, Porto
10,11/Abril/2003

Sinopse

A detenção de Carlos Cruz, um profissional da comunicação, na sequência de uma denúncia de alegada pedofilia na Casa Pia, originou um enorme interesse por parte da opinião pública. O assunto, porque envolve uma figura pública e vítimas desprotegidas, foi tratado exaustivamente pelos media, nomeadamente pelos jornais. Uma análise quantitativa mostra semelhanças e diferenças entre jornais de referência e jornais populares. Uma análise qualitativa identifica um conjunto de informações que foram avançadas e depois desmentidas, chamando a atenção para a questão das fontes, da selecção das fontes e do perigo da concorrência.

Abstract

The arrest of Carlos Cruz, a media professional, as a consequence of the denounce of a alleged case of paedophilia in Casa Pia, originated a great interest by the public opinion. The subject, because it involves a public figure and unprotected victims, was deeply developed by the media, namely by the newspapers. A quantitative analysis shows the similarities and the differences between quality papers and popular press. A quantitative analysis identifies a selection of information that was given and later not confirmed. This phenomenon highlights the importance of the sources, its selection and the danger of the competitions.

Índice

1. O jornalismo no actual contexto: os valores de uma realidade que se chama democracia.
2. A análise de conteúdo como técnica de investigação da comunicação social.
3. Estudo dos artigos publicados em cinco jornais diários a propósito do escândalo da pedofilia durante a primeira semana em que Carlos Cruz esteve preso.
 - i. Análise quantitativa: espaço, géneros jornalísticos e fotografias.
 - ii. Análise de processo: jornalistas e fontes.
 - iii. Análise de conteúdo: informações.

O jornalismo no actual contexto: os valores de uma realidade que se chama democracia.

Em Novembro de 2002, uma investigação Expresso/SIC relançou um assunto que já havia sido notícia nos anos 80: a existência de uma suposta rede de “angariação” de crianças da Casa Pia de Lisboa para práticas sexuais com adultos. Mas os cerca de 20 anos que entretanto se passaram reflectiram uma mudança de valores. Um país saído de um regime ditatorial não reagia da mesma forma a casos de abusos de menores que reage um país com quase três décadas de democracia. Por outro lado, o volume de informação foi aumentando e o direito de informar e ser informado foi ganhando outra importância. A luz que hoje incide sobre os acontecimentos é, pois, diferente, como é também diferente a consciência social e a forma como os jornalistas encaram o seu papel. Para o bem e para o mal.

Os manuais de jornalismo falam desta profissão como aquela que tem por missão descobrir histórias. A objectividade, a verdade, o confronto de ideias e a justiça são os principais ideais dos jornalistas. Falam em bom senso e integridade, sendo estas as características que lhes permitem usar uma posição privilegiada para defender causas sociais. Mas estas causas estão, muitas vezes, arredadas do processo de selecção/hierarquização de notícias. Porque outros valores se levantam.

Numa realidade altamente competitiva, com uma necessidade básica de conquistar público, as causas e os valores correm o risco de ficar para trás. A não ser que se conjugue o valor mediático com o valor social. Foi isto que aconteceu com o alegado escândalo de pedofilia na Casa Pia: um tema que tem conteúdo humano (portanto, vende) e que faz os jornalistas sentirem que estão a cumprir o seu papel (denúncia e procura da verdade).

1. A análise de conteúdo como técnica de investigação da comunicação social.

O objectivo de uma análise do conteúdo da imprensa (artigos de informação, entretenimento ou publicidade) é, antes de mais, o de analisar como é que esse “output” reflecte os assuntos culturais e sociais, os valores e os fenómenos (Hansen et al, p:92). A análise que aqui se apresenta é a de um caso de justiça com vastos contornos sociais. Prende-se com valores e comportamentos. Tem uma forte componente de conteúdo humano e joga com envolvimento e testemunhos de muitas figuras públicas, por um lado, e de vítimas desprotegidas, por outro. Talvez por isso, passou a suscitar um imenso interesse da opinião pública.

Na análise de conteúdo, o objectivo é o de identificar e contabilizar a ocorrência de características de textos e imagens, na sua dimensão e no seu significado. Não se trata de fazer uma leitura das notícias enquanto produto que tem um objectivo político (como começou por fazer Max Weber, durante a I Guerra Mundial), nem de encarar o assunto numa perspectiva de exclusiva preocupação social (como o fez Robert Park, na década de 20, a propósito da imigração para os EUA) (Tuchman, pp:80-81).

Aqui a perspectiva é puramente jornalística. Mas sendo uma análise do produto jornalístico, também não se situa numa observação directa da produção do notícias.

Ou seja, em concreto, a análise que aqui se apresenta é a da informação disponibilizada pela imprensa durante a semana que se seguiu à detenção do comunicador Carlos Cruz e o médico Ferreira Diniz, num processo que também tem como arguido o advogado Hugo Marçal. São analisadas oito edições (1 de Fevereiro de 2003 a 8 de Fevereiro de 2003) de cinco diários de expansão nacional (Público, Diário de Notícias, Jornal de Notícias, Correio da Manhã e 24 Horas). Esta análise é não só de forma, mas também de conteúdo.

2. Estudo dos artigos publicados em cinco jornais diários a propósito do escândalo da pedofilia durante a primeira semana em que Carlos Cruz esteve preso.

Foram escolhidos os cinco jornais diários nacionais de maior representatividade, independentemente de se tratar de jornal de referência ou jornal de cariz popular: Público, Diário de Notícias, Jornal de Notícias, Correio da Manhã e 24 Horas.

O objectivo deste estudo é a procura de respostas a quatro questões:

- Que informações foram dadas ao público leitor.
- Quem são as fontes dessa informações.
- Que jornalistas transmitiram essa informações.
- Como é que essa informações foram apresentadas.

i. Análise quantitativa: espaço, géneros jornalísticos e fotografias

Uma primeira nota para dizer que a detenção das três pessoas que dá corpo ao acontecimento ocorreu numa sexta-feira à noite, dia 31 de Janeiro. No sábado, dia 1 de Fevereiro – dia em que esta análise começa –, só o Correio da Manhã trazia a notícia, na primeira e na última página. Outros três jornais fizeram segundas edições – o Diário de Notícias, o Jornal de Notícias e o 24 Horas. O Público foi o único diário dos cinco que não o fez.

Convém lembrar que por estes dias o Governo português se debatia com a necessidade de explicar o seu envolvimento com a posição norte-americana na guerra do Iraque, que já se adivinhava. Convém também dizer que nessa mesma sexta-feira o vaivém “Columbia” se desintegrou à entrada na atmosfera terrestre, causando a morte aos seus sete tripulantes. A atenção dada ao caso Carlos Cruz não foi, portanto, sobredimensionada por uma eventual falta de notícias.

a) **Espaço**Análise da primeira página:

PRIMEIRA PÁGINA	Público	DN	JN	CM	24 Horas
Toda a 1ª Página com foto	0	0	0	0	1
Toda a 1ª Página com fotos	0	0	0	0	2
Manchete com 1 foto	2	3	4	2	2
Manchete com fotos	0	0	0	5	2
Manchete sem foto	4	3	3	0	0
Chamada com 1 foto	1	0	0	1	0
Chamada sem foto	0	0	1	0	0
Chamadas sem foto	0	2	0	0	0

Conclusões:

- ☐ Todos os dias, todos os jornais ocupam toda a 1ª Página, fazem manchete ou chamada com o caso em questão.
- ☐ O 24 Horas é o único jornal que opta por dedicar toda a 1ª Página ao assunto. Fá-lo 3 vezes em 8 dias.
- ☐ A opção da Manchete com 1 foto é a mais comum entre todos os jornais. Verifica-se entre 2 a 4 vezes em cada jornal.
- ☐ Enquanto o Público, o DN e o JN recorrem frequentemente a Manchetes sem fotos, o Correio da Manhã e o 24 Horas nunca o fazem.

Páginas ocupadas:

PÁGINAS	Público	DN	JN	CM	24 Horas
1/Fev	0.0	2.0	0.5	0.5	*
2/Fev	3.5	5.0	5.0	12.5	9.0
3/Fev	2.0	3.5	2.0	7.5	6.0
4/Fev	3.0	3.0	3.5	4.5	6.0
5/Fev	3.5	4.0	3.0	5.0	5.5
6/Fev	2.5	2.0	3.0	2.0	4.0
7/Fev	3.5	2.5	1.5	3.5	3.5
8/Fev	3.0	4.5	4.0	4.0	6.5
TOTAL	21.0	26.5	22.5	39.5	43.5*

Conclusão:

- ☐ Em termos de espaço ocupado, há uma clara divisão: Público, DN e JN, por um lado; CM e 24 Horas, por outro. Estes últimos ocupam o dobro do espaço que ocupam o Público e o DN. Apesar de mais próximo dos que dedicam menos espaço, o JN fica numa situação intermédia.

b) Géneros Jornalísticos

	Público	DN	JN	CM	24 Horas
Notícias	46	43	47	89	65*
Reportagens	3	3	7	7	8
Entrevistas*	0	4	0	3	2
Protago- nistas**	2	16	7	6	7
Opinião ***	8	13	4	9	14
Voz Público****	1	4	0	34	15
Outros *****	3	50	40	72	30

* Entrevista Directa, Pergunta/Resposta (a Entrevista como técnica de pesquisa de informação foi considerada no âmbito da Notícia).

** Aqui incluem-se Perfis, Pequenas Notícias e/ou Fotolegendas focalizadas num indivíduo, Biografias, Melhor/Pior e Figuras.

*** Aqui incluem-se Editoriais, Opinião de Jornalistas, Opinião de Colaboradores, Opinião Favor/Contra e Notas Editoriais.

**** Aqui incluem-se Cartas dos Leitores, Testemunhos Directos, Inquéritos e Sondagens.

***** Aqui incluem-se Cronologias, Memórias, Legislação, Frases, Flashes, Cartas, Declarações, Depoimentos, Reacções, Textos e Excertos de Textos, Direitos de Resposta, Desmentidos, Cartoons, Grafismos e Fotolegendas.

Conclusões:

- ❑ Género Jornalístico que mais aparece é, sem surpresas, a Notícia.
- ❑ Os jornais analisados, na sua generalidade, recorrem pouco à Reportagem. Quando o fazem, é junto às instalações da PJ ou nas terras de origem dos detidos.
- ❑ Os jornais analisados, na sua generalidade, recorrem pouco à Entrevista. Eventualmente devido à falta de disponibilidade das pessoas mais directamente ligadas ao assunto.
- ❑ Todos os jornais dedicam um espaço mínimo à Opinião e aos Protagonistas, o que se justifica pela natureza do assunto.
- ❑ Os jornais de cariz popular são os que dão mais espaço à Voz do Público.

c) Fotografias

	Público	DN	JN	CM	24 Horas
Carlos Cruz	5	9	9	54	32
F. Diniz	0	4	1	3	3
H. Marçal	4	3	2	6	6
Subtotal	9	16	12	63	41
TOTAL	37	82	66	184	127

Conclusões:

- ❑ Os jornais de cariz popular recorrem mais à fotografia do que os outros, sendo que o CM é aquele que mais aposta na imagem. O Público é o que recorre menos à fotografia.
- ❑ De entre os três protagonistas, CC é o que mais aparece. Não só porque é o mais mediático, mas também porque será aquele de quem os jornais têm mais fotografias.
- ❑ Apesar de serem protagonistas, FD e HM têm uma presença quase insignificante – em todos os jornais – no que diz respeito a fotografias. Eventualmente por não haver muitas fotos deles.

ii. Análise de processo: fontes e jornalistas

“As notícias são um produto das transacções entre jornalistas e as suas fontes. A fonte primária da realidade das notícias não é o que é disponibilizado nem o que acontece de facto no mundo real.”

(Ericson et al, quoted by Tuchman in Jensen e Jankowski, p:87)

Os jornalistas estabelecem, normalmente, uma hierarquia das fontes, pela sua credibilidade. Esta credibilidade pode advir do grau de institucionalidade ou do grau de confiança. Uma informação de um Gabinete de Comunicação de um Ministério é tida como segura, como o será, em princípio, uma informação dada por um indivíduo que, noutras situações, tenha mostrado ser uma fonte segura. Neste processo, há que não esquecer que as fontes são, não só reprodutoras de acontecimentos, mas também produtoras. Quanto mais não seja, porque fazem a sua interpretação daquilo de que tiveram conhecimento.

FONTES OFICIAIS	Público	DN	JN	CM	24 Horas	TOTAL
Identificadas	27	28	25	36	29	144
Não Identificadas	22	20	17	18	19	96
TOTAL	49	48	42	53	48	240

FONTES OFICIAIS	Público	DN	JN	CM	24 Horas	TOTAL
Directas	31	38	31	43	40	185
Indirectas	18	10	11	9	8	55
TOTAL	49	48	42	53	48	240

Conclusões:

- ❑ Não há uma grande variação entre o número de fontes oficiais citadas pelos cinco jornais. Esse número varia entre 42 e 53, sendo que o JN é o que tem o número menor e o CM o que tem o número maior.
- ❑ Num total de 240 citações, o número de fontes identificadas (144) é superior ao número de fontes não identificadas (96). Entre os cinco jornais não há uma diferença significativa digna de registo.
- ❑ Num total de 240 citações, o número de fontes directas (185) é mais do que o triplo de fontes indirectas (55). Esta tendência verifica-se com mais clareza no CM e no 24 Horas, enquanto no outros jornais a diferença não é tão significativa.

NÃO OFICIAIS	Público	DN	JN	CM	24 Horas	TOTAL
Directas	13	13	39	53	60	178
Indirectas	25	30	25	41	22	143
TOTAL	38	43	64	94	82	321

Conclusões:

- ❑ Os jornais que mais recorrem ao fontes não oficiais são o CM (94) e o 24 Horas (82) e os que menos recorrem são o Público (38) e o DN (43). O JN fica no meio termo (64).
- ❑ A semelhança de comportamento entre jornais de referência e jornais populares mantém-se quando se analisa a quantidade de fontes directas e indirectas, no que diz respeito às fontes não oficiais. Enquanto o 24 Horas e o CM recorrem mais a fontes directas, o Público e o DN recorrem mais às indirectas. Mais uma vez, o JN fica a meio termo.

Citações de outros media:

- ❑ Durante uma semana, os cinco jornais citaram outros media entre 12 e 27 vezes, num total de 97 referências.
- ❑ Público é o que o faz mais vezes (27) e o único que publica artigos da Lusa na íntegra. O JN é o jornal que recorre menos ao outros media como fontes (12).
- ❑ Os três media mais citados são a SIC (27), a Lusa (20) e a TVI (14).

Quanto aos jornalistas, não há um padrão que diferencie os jornais de qualidade dos populares. Os jornais envolvem entre 13 e 23 jornalistas e nestes extremos estão precisamente o 24 Horas (13) e o CM (23). Por outro lado, também não se regista uma identificação entre especialização dos jornalistas no assunto e tipo de jornal para onde escrevem. Por exemplo, tanto o Público como o 24 Horas não recorrem aos mesmos jornalistas com a frequência com que o fazem o DN e o CM.

iii. Análise de conteúdo: informações

Embora na análise quantitativa se faça referência a artigos de Opinião e à Voz do Público, na análise de informações o limite aqui definido é o dos textos jornalísticos. Neste campo, ao longo de uma semana, os cinco jornais deram mais de 300 informações. Algumas foram dadas apenas por um dos jornais, outras foram dadas por mais do que um e outras ainda foram dadas por todos. Mas as informações que foram dadas por todos os jornais foram poucas e resultam, normalmente, de tomadas de posições oficiais, como é o caso da divulgação de um comunicado. Dentro do leque de informações, várias foram avançadas e depois desmentidas.

Dentro das mais de 300 informações é possível isolar sete assuntos em que se verificaram contradições ou que deram origem a desmentidos, salientando um processo de confiança em certas fontes que se vieram a revelar pouco seguras. Por outro lado, esta observação também realça as perigosas consequências da concorrência em assuntos que têm tanto de mediático como de delicado.

1. A “fuga” e o desmentido

No dia 1, o DN e o CM anunciam que a PJ suspeita que CC se preparava para abandonar o país rumo aos EUA. O JN dizia que CC tinha sido constituído arguido há uma semana e que as autoridades receavam uma fuga. O CM reafirma o mesmo no dia 2 e o JN adianta a rescisão do contrato com a SIC como motivo da suspeita de fuga.

Nesse mesmo dia 2, o DN insiste na ideia de que CC se preparava para abandonar o país. A hipótese de fuga é negada no dia 2 por Carlos Mota ao 24 Horas e no dia 3 ao CM por Raquel Cruz. No dia 4 o CM insiste: a ida para o Algarve era um ponto de passagem para os EUA ou para o Brasil. No dia 5 Raquel Cruz volta a desmentir, no CM e também no JN.

No dia 3, o Público anuncia três hipóteses para a detenção: hipótese de fuga; perturbação do processo; continuação da actividade. No mesmo dia, o JN diz que foi a última possibilidade que deu origem à detenção e reafirma-o no dia 6. No dia 5, o CM também assume essa informação, revelando, no dia 7, que ela consta do despacho do juiz. Desaparece, assim, a ideia de que se preparava uma fuga.

Todos os jornais, excepto o 24 Horas, afirmaram que a detenção se seguiu a uma perseguição veloz. Primeiro o Público e o CM (2), depois o JN (3) e finalmente o DN (4). No dia 5, Raquel Cruz apresenta o desmentido, só no DN e no JN. O que quer dizer que a informação ficou por desmentir em dois jornais.

2. A transferência de dinheiro e o desmentido

No dia 2, o DN informou que CC, alegadamente, “limpou” as suas contas. No dia 4, o CM diz o mesmo, acrescentando que a transferência foi feita para o Brasil. O Público garante o mesmo, dizendo que essa transferência de dinheiro foi feita dois dias antes da detenção. No dia 5, enquanto o JN e o CM apresentam o desmentido de Raquel Cruz, o Público insiste na transferência. O DN acrescenta que CC abriu contas no Brasil e que levantou dois milhões de euros para pagar impostos. No mesmo dia 5, JN, CM e 24 Horas dizem que o dinheiro foi para pagar ao fisco. O Público insiste na ideia da transferência de dinheiro, embora diga que essa informação já foi negada por familiares e amigos de CC. Serra Lopes nega, no CM (5), no DN (5) e no 24 Horas (6) transferências de dinheiro para o Brasil.

3. *Ricardo Sé Fernandes no processo e o desmentido*

No dia 2, o CM adianta que Serra Lopes chamou Sá Fernandes para a defesa de CC e confirmou essa informação no dia seguinte. No mesmo dia 3, o DN avança com a mesma informação. No dia 4, JN e 24 Horas, que não tinham dado a notícia, desmentem-na. O mesmo é feito, no mesmo dia, pelo CM, que tinha lançado a notícia. Um dia depois (5), o DN diz que Sá Fernandes nega incompatibilidade entre consultadoria na TVI e a defesa de CC.

4. *A existência de imagens e o desmentido ou a falta dele*

No dia 2, o DN avança com a informação de que, alegadamente, foram encontradas na casa de Jorge Ritto fotos incriminadoras de CC. No dia seguinte (3), o CM diz que os “fortes indícios” para prender CC serão imagens (fotos os vídeos). No dia 4, o DN diz que provas documentais e vídeos constam do processo. Nos dias 3, 4 e 5, JN, 24 horas e Público – que não deram a informação – negam-na. O DN e o CM – que deram a notícia – não negam.

5. *Contradições na lista do FBI*

No dia 3, o Público diz que a lista com o nome dos pedófilos chega dentro de dois meses. No dia seguinte (4), o DN e o CM dizem que CC faz parte dessa lista, por ter usado o cartão de crédito em sites pedófilos. No dia 5 o DN diz que a PJ já tem a lista e o JN diz que a PJ ainda não cruzou os nomes da lista com os números dos cartões de crédito. No mesmo dia, também no JN, Raquel Cruz nega que CC visitasse sites de pedofilia ou pornografia na Internet. Ainda no dia 5, o 24 Horas diz que a alegada lista do FBI, afinal, foi feita pelos serviços postais norte-americanos. Serra Lopes nega que CC tenha utilizado sites pornográficos. Fá-lo no CM, no dia 5, e no 24 Horas, dia 6.

6. Libertação de celas para novos detidos e o desmentido

No dia 3, o DN e o CM dizem que PJ arranja celas para nova vaga de detenções. O CM acrescenta que estas detenções incluem artistas, diplomatas e um ex-jogador de futebol, assim como adianta que os testemunhos que incriminaram CC, FD e HM são os mesmos que darão origem a estas novas detenções. Ainda no dia 3, na última página, o CM diz que Souto Moura disse à TVI não saber se vai haver mais detenções. No dia 4, o DN diz que novas detenções podem acontecer de um dia para o outro e o JN diz que novos mandados deverão ser emitidos naquela semana. No mesmo dia (4), o CM diz que a Direcção-Geral dos Serviços Prisionais nega a libertação de celas. No dia 5, enquanto o DN diz que a PJ quer acabar detenções até ao final do mês, o CM diz que, afinal as celas libertadas eram para detidos noutros processos.

7. Contradições no número de alunos que estão a ser ouvidos

No dia 3, o DN diz que a PJ está a ouvir 650 crianças. Dois dias depois (5), CM diz que Catalina Pestana assegura que nem 60 menores estão a ser ouvidos. Ainda o CM, no dia seguinte (6) diz que a PJ interroga 100 alunos da Casa Pia.

Bibliografia

Berger, G. (2000), “Grave New World? Democratic Journalism Enters the Global Twenty-first Century” in *Journalism Studies*, Volume 1, Nº 1, pp.81-89.

Deacon, D., Pickering, M., Golding, P. and Murdock, G. (1999), “Researching Communications”. London: Arnold.

Hansen, A. et al (1998), “Mass Communication Research Methods”. Londres: MacMilla Press.

McQuail, D. (1996), “Mass Communication Theory”. Londres: Sage.

Tuchman, G. (1995), “Qualitative methods in the study of news”, in *A Handbook of qualitative methodologies for mass communication research*, editado por Klaus Bruhn Jensen e Nicholas W. Jankowski, London: Routeledge (4ª edição).